

JORNAL: Folha da Manhã LOCAL: São Paulo

DATA: 10 / 06 / 1956 AUTOR: José Geraldo Vieira

TÍTULO: V Salão Nacional de Arte Moderna

ASSUNTO: José Geraldo Vieira indica Ivan Serpa e Aldemir Martins para o Prêmio de Viagem.

Obs: Gomhou Firmino Saldanha e também Anísio Medeiros.

V Salão Nacional de Arte Moderna

O crítico, afastado de rodas e de grupos, que reverer o atual Salão Nacional de Arte Moderna, terá por certo a impressão saturante do déjà vu. Do já visto onde? Em todas as exposições coletivas atuais de São Paulo, do Rio, de Milão, de Roma e de Veneza. Ou mesmo de Toquio e Pittsburgh. Lembrar-se-á, principalmente, do Salão das Realidades Novas (no Museu de Belas Artes de Paris) e do Salão Comparações (no Museu de Arte Moderna daquela mesma capital).

Isto é, conjunto ruim, com leve orla superficial de mediocridades sob o influxo não das lições e sim das formulas e receitas de Braque, Dewasne, Delaunay, Herbin, Kandinsky, Klee, Bazaine, Vieira da Silva, Hartung e Manessier. E, destacando-se de muito, alguns trabalhos de merito real.

Pois na verdade o currículo artesanal e o prurido estetico dos expositores lembra em toda a parte o receituário da Escola de Paris, com predomínio de abstracionismo saturante e realismo prosaico.

E acontece no V Salão Nacional de Arte Moderna o mesmo que sucede no Salão Comparações de Paris: a presença de alguns valores essenciais torna o restante de um nível infimo. Em Paris, por exemplo, os organizadores chapam nas salas da frente grandes artistas através de seus trabalhos típicos. Isso serve de biombo a tapar o que de ruim fica nas salas seguintes. No Rio, os bons foram misturados aos maus, porem permanecendo de facil averiguação. De modo que um crítico neutro e ingenuamente sincero acreditaria que o juri de premiação não se veria com dificuldades para selecionar os poucos merecedores de viagem ao estrangeiro e através do país. Desde logo se tornou patente que o premio de pintura só podia ser dado a Ivan Serpa ou a Firmino Saldanha. Claro e logico, pelo passado e pelo presente da atuação desses pintores extraordinariamente acima das exposições coletivas. Quanto a de gravuras de Maria Bonomi. Antiga aluna, na juventude, de selecionados Arnaldo Pedroso d' Horta, Darel Valença, Anísio Medeiros e Aldemir Martins.

Um segundo lote vicariante e possivel de ponderação seria constituído por Fernando Pamplona, Djanira e Rossini Perez.

Agora já se sabe o resultado a que chegou a Comissão Julgadora:

Viagem ao Estrangeiro: Firmino Saldanha e Anísio Medeiros.
Viagem ao País: Fernando Pamplona e Frank Schaeffer.
Considerando equilibrada a escolha, todavia optariamos, quanto à viagem ao estrangeiro, por Ivan Serpa e Aldemir Martins.

GRAVURAS DE MARIA BONOMI

O Movimento artistico em São Paulo caracteriza-se pelas seguintes exposições:

De Alfredo Volpi, na sala grande do Museu de Arte Moderna. Já lhe dedicamos dois estudos sobre suas duas ultimas fases e amanhã, segunda-feira, às 21 horas presidiaremos no mesmo local, uma especie de mesa-redonda, devendo debater a obra de Volpi os seguintes criticos: Lourival Gomes Machado, Mario Schoemberg, Livio Abramo, Theon Spanudis, Carlos Pinto Alves, Mario Gruber, Flexor, Pfeiffer, Valdemar Cordeiro e Fernando Pedreira.

A outra exposição de interesse na sala da mesma entidade é a de gravuras de Maria Bonomi. Antiga aluna, no juventude, de Yolanda Mohalyi, Vedova, Prampolini e Karl Plattner, agora no limiar da mocidade (vinte e um anos de idade) é aluna de Livio Abramo.

Nesta sua primeira exposição individual, Maria Bonomi estréia vencendo sob dois aspectos: o artesanal e o criador. De fato, na ardua tarefa de gravadora ela já atingiu e bem prematuramente o dominio das proprias mãos e da materia. Não investe sobre o suporte com atarantamentos, adquiriu serena segurança e é uma artista sadia, dionisiaca, sem laivos de existencialismo angustiado. Alegria e jubilo criador a lançam em ronda orfica pela orla do mar, no recesso das florestas e no dedalo as cidades. Esses três temas a empolgam como passeios. E assim cria uma especie de album triptico onde os barcos, os troncos e os arranha-céus abrem perspectivas sem prosaismo, auras de profundidade luminosa, horizontes de distancias mediterraneas, fachadas longitudinais de metropoles.

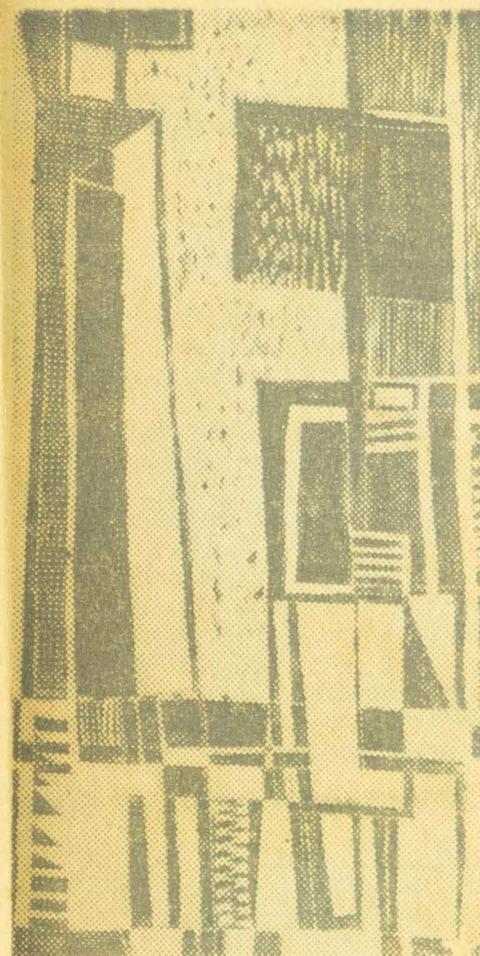
Seus vincos, traços e fixações de trama quase concreta não a classificam, porem, no mero abstracionismo. Formas puras e gratuitas têm, contudo, analogias com os reinos vegetal, mineral e humano. Não é uma criadora de cosmogonia propria. Passeia ainda na terra, nos elementos, com sua presença lucida em face das paisagens. E desse itinerario forma conotações e aliterações em seus mapas de transito e permanencia.

ARTE DECORATIVA DE LANDERSET

Está expondo na Casa de Portugal o artista Landerset, que já expôs esculturas especiais no Salão Paulista de Arte Moderna. Desta vez apresenta um conjunto de desenhos, esculturas e moveis,



Maria Bonomi com uma de suas monogravuras



Maria Bonomi, "Sonho Urbano"

A SEMANA ARTISTICA

José GERALDO VIEIRA



Landerset, "Aç Parcas". Desenho a nanquim.

através de tudo o que se tem uma noção ampla de sua individualidade na arte decorativa.

Sentido de modernidade bem moldado em conceituação funcional, é a característica de seus trabalhos; será nos moveis, de certo, que isso se afirma com mais segurança. Os desenhos destinam-se-iam mais a cartões para tapeçarias ou seriam meros esboços para baixos relevos. Se na escultura Landerset se tem especializado em motivos de ritmo através de peças antianalogicas, já nos desenhos o seu temario é figurativo, com aspectos bem portugueses, agradavelmente estilizados.

Quanto às exposições de Mizabel e Charis Bradnt, respectivamente na Galeria Ambiente e no Clube dos Artistas, falaremos no proximo domingo.